

A lenda do Corpo Seco e o Universo fantástico na cidade de Cambira-PR

João Paulo Pacheco Rodrigues¹

“

O objetivo principal desta reflexão é analisar as práticas estabelecidas a partir das representações coletivas construídas na cidade de Cambira, localizada no norte do Paraná a 380 km da capital Curitiba, e como essa sociedade se relaciona com as formas de lidar com a natureza e com o espaço de convívio no período de 1956 a 2010. Para tanto nos pautaremos nos conceitos de representação e prática de Chartier.

Para Alves e Pelegrini (2010), é por meio do conhecimento da história de uma cidade que podemos perceber a importância da figura dos primeiros migrantes no processo de (re)ocupação de região. Assim se torna essencial o estudo de história regional como forma de desvendar espaços e contextos que ficam esquecidos e não considerados pela historiografia tradicional.

Ao trabalharmos com a história regional, estamos levando em conta a necessidade de expandirmos os objetos de estudos para, assim, conhecermos melhor a história do país, contemplando as particularidades de um povo, de uma comunidade ou de uma região.

O historiador Marcos Lobato Martins (1997) elucida que até o século XVIII, no mundo todo, as regiões se constituíam como país, dotadas de hábitos e costumes específicos. No entanto, nos próximos dois séculos, essas barreiras espaciais começaram paulatinamente a serem destruídas. Martins ressalta a importância da Europa como força extrema no dissolver da importância do regional e do local em detrimento nas escalas nacionais e internacionais. O autor considera as grandes navegações, o sistema colonial

¹ Doutorando em História pela Universidade Estadual de Maringá, Mestre em História pela mesma, Especialista em História do Brasil pela Universidade Cândido Mendes-RJ. Graduado em História pela Universidade Estadual de Maringá (2007). Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil, História do Paraná e Patrimônio Cultural

e a solidificação do Estado moderno como os principais apontadores nesse movimento que acarretou, dentre outros fatores, a formação de identidades nacionais.

No entanto, não devemos esquecer as originalidades que cada região propicia, embora o mundo caminhe a uma globalização, existem diversos aspectos peculiares a dada localidade. E é nesse contexto que a importância dos estudos regionais se legitima.

Martins (1997) define história regional:

Aquela que toma o espaço como terreno de estudo, que enxerga as dinâmicas históricas no espaço e através do espaço, obrigando o historiador a lidar com os processos de diferenciação de áreas. A História Regional é a que vê o lugar, a região e o território como a natureza da sociedade e da história, não apenas como palco imóvel onde a vida acontece. Ela é a história Econômica, Social, Demográfica, Cultural, Política referida ao conceito chave de região (MARTINS, p143).

Ao estudarmos uma região, temos que ter em mente que esta é, sobretudo, um lugar dinâmico, onde está presente uma pluralidade de sujeitos e atores históricos. Nesse horizonte é necessário compreender a região e as suas relações com as fronteiras (geográficas, agrárias, simbólicas e religiosas) e as redes de sociabilidades

A Instituição das crenças

Durante o desenvolvimento histórico em seis décadas, os habitantes de Cambira desenvolveram um conjunto de crenças que influenciaram a vida cotidiana deles. Diante de tal constante, cabe a nós, pesquisadores, questionar: Como este universo de crenças foi construído?

Essa indagação parece-nos estar diretamente relacionada ao processo de ocupação da região, desenvolvido por meio do trabalho. Essa abordagem está essencialmente pautada nas considerações tecidas por Roger Chartier sobre representações, apropriações e práticas culturais.

As crenças existentes na região de Cambira estão articuladas aos sentimentos que norteiam a maneira como os seres humanos convivem com acontecimentos de natureza estranha. Tidas como sobrenaturais, as histórias narradas se concretizam no medo e incerteza que geram para os moradores envolvidos ou para aqueles que narram e ouvem essas lendas.

Essas narrativas propiciaram a propagação de percepções místicas que oferecem solidez para a compreensão dos significados elaborados pelos sujeitos que vivem nesse lugar e apreensão das maneiras como eles veem o mundo. Os depoimentos dos moradores de Cambira denotam uma sensação de magia, aliada à inquietude, atributo intrínseco a todos aqueles que creem ou respeitam aquilo que eles consideram pertencente ao universo fantástico de Cambira. Assim, as representações desses temas fascinantes apresentam aspectos que são peculiares a esse meio. De acordo com Chartier,

Em determinada época, o cruzamento de diferentes suportes (linguísticos, conceituais, afetivos) comanda “modos de pensar e de sentir” (...), por exemplo, sobre os limites entre o possível e o impossível ou sobre as fronteiras entre o natural e o sobrenatural (CHARTIER, 2002, p. 31).

Segundo Da Silva (2009), a composição das formas de comunicação utilizadas (também podemos incluir a internet, telefonia móvel e fixo) cooperou para a solidificação da estrutura dessas crenças, fundamentalmente as coletivas. O autor cita como aspectos fundamentais nesse processo: a criação de enredo simplificado, o espaço determinado nas histórias narradas, os personagens identificados ou misteriosos e o sentimento religioso que essencialmente acompanham todas essas histórias.

Nesse âmbito, a vida religiosa dos moradores de Cambira pode ser considerada um fator precursor no desenvolvimento histórico dessas lendas. A luta entre as forças divinas e satânicas que se disseminou entre os católicos chegou à região ainda na sua gênese por volta do final da década de 1940 e início da de 1950. Reforçado pelo discurso do clero e das narrativas expressas em passagens bíblicas, esse conflito gera

nos cidadãos cambirenses a convicção do combate entre as forças do “bem” e do “mal”. Na esfera do fantástico isso se trata de um vínculo misterioso, mas tomado como natural pelas suas crenças.

Assunto comum entre os habitantes, as lendas sobre seres fantásticos eram corriqueiras nos diálogos em grupos, missas, cultos e novenas católicas no início do processo de ocupação da região. A conversa sobre esses acontecimentos ajudava a disseminar a certeza alimentada pelas pessoas quanto à veracidade dos casos contados. De acordo com a literatura, a proeminência da relação entre humanos e sobrenaturais foi explorada por religiosos. Da Silva (2009), por exemplo, afirma que muitos clérigos notaram a oportunidade de tirarem proveito dos temores que produziam nos cristãos em benefício da causa que serviam entre os membros da Igreja, enquanto Priore (2000) ressalta que essa era uma prática antiga comum entre o clérigo católico e lembra que santo Agostinho era:

“admirador dessas curiosidades maravilhosas da natureza, exaustivamente inventariadas pelos autores latinos”. Subtraindo às raças de monstros o estatuto de realidade, que na tradição clássica era realmente o seu ponto, fazendo de sua existência algo de provável e de incompreensível, ele as tornava maravilhosas ao mesmo tempo em que as integrava ao sistema de representações exigido pela Bíblia. A hesitação do texto agostiniano é, quanto a isso, característica: é preciso acreditar nessas raças não porque os autores antigos as mencionassem, mas porque a crença em sua existência ajudava a compreender os nascimentos monstruosos (PRIORE, 2000, p. 25)

Como explica a autora, a dúvida quanto ao sobrenatural se existia já era suficiente para que os fiéis respeitassem os preceitos divinos pois

Os monstros seriam criações estranhas da natureza e de Deus. Limitando, pois, a crença a certo nível de realidade, Agostinho abria as portas para a admiração diante das maravilhas incompreensíveis da Criação. Ele situava o monstro no espaço terrestre, ainda que os preparassem para que se tornassem fabulosos (PRIORE, 2000, p. 25).

Por essa via observamos como no processo de solidificação das crenças, na tentativa de legitimá-la, em geral, são utilizados alguns artifícios produzidos ao longo do tempo e cuja essência visa a sua institucionalização por meio de discursos dentre os

quais se destaca a objetividade da fala aliada às expressões gestuais – característica fundamental para se oferecer materialidade e “veracidade” aos eventos narrados, incorporados à memória coletiva.

Da Silva expõe:

O desenvolvimento das crenças contribuiu para a consolidação de um universo mágico. Sua razão consiste em um legado valioso para a preservação da memória coletiva. O diálogo sobre fenômenos sobre-humanos, operado pelos moradores a respeito dos eventos ocorridos, sobrevive efetivamente nas práticas da comunidade, perpetuado nas representações dos primeiros moradores e, agora, nas representações dos jovens(DA SILVA, 2009, p.25).

As lendas pertencentes a Cambira têm sua própria história e encontram terreno fértil entre os munícipes que as tomam com seriedade e as preservam porque nelas creem. Dessa forma, são propagadas determinadas práticas que influenciam a maneira como eles convivem com o fantástico, e, talvez, a principal delas esteja relacionada ao processo de apropriação dos seus significados pelas gerações que se sucedem.

Esse processo é justificável pelo fato de que as crenças fazem parte de um conjunto de elementos presentes no cotidiano dos habitantes que atua sobre os indivíduos de todas as faixas de idade. As crenças de Cambira têm nessa dinâmica os elementos que dão subsídios a sua prosperidade. Para compreendermos o conjunto de crenças e de que modo este colaborou para o desenvolvimento das percepções que estruturaram seu universo, consideramos necessário retomar aqui uma reflexão sobre as representações coletivas na medida em que membros da comunidade se tornam parte integrante de tais histórias. Para Chartier (2002), as representações coletivas podem ser consideradas um conjunto de bases responsáveis pela sustentação das práticas culturais que edificam o próprio mundo social: “Mesmo as representações coletivas mais elevadas não têm existência, não são realmente tais senão na medida em que comandam atos” (CHARTIER, 2002, p. 11).

Além disso, entendemos que:

As representações coletivas originadas no espaço comunitário expressam efetivamente a forma como a população da Vila se reconhece e se aceita.

As representações caracterizam a forma como a comunidade se pensa, se percebe e se aceita. Também demonstram como suas crenças coletivas foram desenvolvidas historicamente. Os indivíduos concebem o imaterial a sua maneira, distante das considerações científicas sobre o tema. Seu entendimento a respeito das crenças é o resultado da compreensão das instituições manifestadas no local onde residem (DA SILVA, 2009, p.31).

Sob essa ótica, podemos constatar, nos depoimentos da população cambireense, a existência de um conjunto de lendas e mitos construídos e impregnados, desde a formação da cidade, de uma multiplicidade de elementos mágicos, cujo intuito era propagar o medo, essencialmente o medo do desconhecido. Essa compreensão é evidenciada na referência à lenda do “Corpo Seco”, narrada por Wilson Bráuzio da Silva, 52 anos²:

“Ah, esse corpo seco aí é da fazenda Ubatuba né, que o cara acha que fez uma promessa que se ele ficasse rico ele ia em Aparecida do Norte a pé né, mas aí ele ficou rico e foi de avião e foi aonde que virou esse negócio de corpo seco que a turma fala né”. Teve uma época aí que os parentes queria pagar um dinheiro pra levar ele, o corpo seco nas costas aqui né, daqui a fazenda até Aparecida do Norte, mas não achou ninguém pra levar não. Eu num sou bobo de se soltar lá beirando o mato da fazenda lá à noite eu saio correndo de medo vai que ele aparece”.

Ainda sobre o processo de legitimação de universo das crenças, Da Silva (2009) expõe que o apreço aos elementos simbólicos pode ser considerado um fator determinante para a sua institucionalização perante um grupo ou comunidade. As narrativas imbricadas de mistério e suspense sem grandes mudanças favorecem a salvaguarda de memórias repletas de magia. As histórias sobre assombrações, expostas pelos habitantes cambireenses, avigoram o sentimento em relação ao fantástico que, na percepção destes, está sempre próximo do “real”, (do palpável) e inserido no dia a dia dos moradores do município. As crenças fazem parte da ordem social vigente, pois agem e interferem sobre ela. Ao analisarmos as lendas de Cambira, torna-se necessário nos atentarmos aos personagens emergentes nas representações desses habitantes. Para isso, recorreremos à literatura que lida com personagens fantásticos e nos auxilia a compreender a constituição de elementos essenciais na trama lendária.

²Wilson Bráuzio da Silva, nascido em 1958 na cidade de Cambira-Pr.

Divindades, demônios e outras criaturas maravilhosas fazem parte de um vasto conjunto de elementos relacionados principalmente à cultura religiosa do catolicismo popular que foram incorporados e assim “regionalizados³” pela comunidade local.

Para Roy Willis (2006), os seres sobrenaturais são uma projeção dos medos mais profundos dos humanos, corporificados em diversas formas como dragões, monstros, gigantes, criaturas semi-humanas, um exemplo é figura do Oni no Japão, um ser invisível que auxilia os deuses do mundo submerso. Na literatura que lida com o fantástico, o medo é sensação corriqueira no enredo, e Priore (2000) relaciona esse sentimento como artifício pra chamar a atenção dos leitores, que consideravelmente influi nas diversas camadas da sociedade. A autora considera que

Para aqueles que pertenciam às classes subalternas, a presença de tais monstros era lida e decodificada como um castigo ou advertência. Para as elites letradas, porém, renitentes à chegada da mecanização do mundo e à laicização, significava uma “salúfera prova” de que, naqueles tempos, a física podia ser sinônima de magia natural (PRIORE, 2000, p. 118).

O ser humano, mesmo mantendo fascínio pelo tema, continua alimentando sua mente com formulações que resultam na elaboração de novas crenças. Suas propostas oferecem sustentabilidade às crenças que pensam o incomum a partir de sua realidade concreta.

Um componente essencial no campo do mundo sobrenatural está associado à relação entre homem e natureza. Segundo Eliade (2001), o fascínio do homem crente pela natureza se explica por essa conter uma diversidade de significados relacionados ao desconhecido. O autor expõe:

A experiência de uma natureza radicalmente dessacralizada é uma descoberta recente, acessível apenas a uma minoria das sociedades modernas, sobretudo aos homens de ciência. Para o resto das pessoas, a natureza apresenta ainda um “encanto”, um “mistério”, uma “majestade”, onde se podem decifrar os traços dos antigos valores religiosos. Não há homem moderno, seja qual for o grau de sua irreligiosidade, que não seja sensível aos “encantos” da natureza. “Não se trata unicamente dos valores estéticos, desportivos ou higiênicos concedidos à natureza, mas também de

³O termo regionalizado se refere ao aspecto de dar caráter local a uma lenda universal, condensando determinados elementos europeus com os nacionais.

um sentimento confuso e difícil de definir, no qual ainda se reconhece a recordação de uma experiência religiosa degradada” (ELIADE, 2001, p. 126).

O historiador Da Silva (2009) elucida que o enlevo do homem religioso sobre a natureza é compreendido por esse ambiente apresentar na sua estética traços religiosos estabelecidos em um passado distante. A natureza quase intocável acarretou uma complexidade de elementos que contribuiu para que esta despertasse desconfiança no ser humano. Assim, a sacralização atribuída ao mundo natural, na qual compreendemos a flora e a fauna, permeou a mente humana numa dualidade de sentidos (apreço e pavor, temor e curiosidade) a ponto de transformar esse espaço em lugar místico e sagrado.

A crença em um mundo natural, repleto de seres sobrenaturais levou muitas pessoas a adotarem algumas medidas de precaução, evitando se locomover em regiões cercadas por uma vegetação intensa ou ainda atentar-se ao passar em determinados lugares, compreendidos como espantosos. Fato evidenciado no depoimento de Wilson Melo da Silva, 32 anos⁴: “*Eu já passei lá⁵ várias vezes, mas só que de dia né, porque de noite não da pra arriscar*”.

Aos enigmas que o mundo natural conservou imperceptíveis foram acrescentados elementos conexos a lugares ainda nativos, centrados de personagens encantados. Assim grande parte das manifestações habituais da fauna passaram a ser compreendidas como expressões fantásticas. O simples assobio de uma ave ou o barulho produzido por outros animais poderiam ser entendidos como a expressão de um ser mágico. Todos esses aspectos levam à produção de lendas em diferentes espaços como a crença do corpo invisível, lenda mais representativa para a população cambireense.

A lenda do corpo seco

É, tem sim a lenda do corpo seco da fazenda Ubatuba. É antigamente esse dono da fazenda Ubatuba ele, diz que ele estava indo pagar uma promessa em Aparecida do Norte aí, no

⁴ Wilson Melo da Silva, natural de Cambira, nascido em 1978.

⁵ Estrada Ubatuba, BR 444, onde está localizado o túmulo do “Copo Seco”.

meio da viagem passando numa ponte lá ele se acidentou e morreu, diz que caíram de cima da ponte né aí agora diz o pessoal de antigamente que quando você passava de frente lá, na onde que tem o túmulo dele onde foi enterrado é beirando a rodovia lá né. Isso é dentro da fazenda mesmo; e o pessoal diz que à noite quando o pessoal ia passando de caminhão diz que correndo assim daqui a pouco batia no vidro assim pendurado, o corpo seco no vidro, pedindo uma carona pra Aparecida do Norte, aí diz que ele pegava a carona e hora que chegava perto da ponte lá onde ele caiu diz que ele sumia de dentro da cabine. (Wilson Melo da Silva, 32 anos).

O relato de Wilson Melo da Silva, cambirenses, nascido em 1978, mostra-nos como muitos moradores da região convivem com o universo místico da cidade. A lenda do corpo seco pode ser considerada a mais recorrente entre a população de Cambira, e no seu enredo estão presentes elementos do catolicismo popular como a promessa do “corpo seco”, realizada a Nossa Senhora Aparecida, santa padroeira do Brasil, além disso, o mistério da vida pós-morte, o medo do sobrenatural e aspectos da fauna e da flora presentes no espaço em que o corpo do senhor da senhora Schindler, denominado corpo seco está sepultado.

A fazenda Ubatuba, palco das “aparições” do corpo seco, encontra-se na BR 444 (nos limites das regiões de Cambira com Apucarana⁶), no bairro Itacolomi. Durante as décadas de 1960 e 1970 a estrada onde se encontra o cemitério da família Schindler foi o único trajeto para o transporte de todo o montante produzido nas fazendas ao redor.

O percurso para chegarmos ao local é impregnado de elementos que, para um crente do universo mágico, funcionariam como uma alavanca para impulsionar os anseios. Logo na entrada da fazenda Ubatuba nos deparamos com um monumento em formato de cruz que se remete a um cruzeiro. O símbolo se encontra à beira da estrada, e qualquer viajante, ao passar pela rodovia do lado, pode avistá-lo.

⁶Apucarana está localizada na região Norte Central do Paraná a cerca de 369 Km de Curitiba.

A cruz, símbolo do Cristo crucificado, preservado na memória dos entrevistados, faz parte do espaço onde foi inserida na década de 1960. Ao longo dos anos se tornou um aparato indissociável do local, sendo raramente cabível que se faça referência à fazenda Ubatuba sem mencioná-la. Sobre o simbolismo que a cruz exerce, Eliade expõe que nela são impregnadas conotações na tentativa de se legitimar o laço entre o universo e o céu, também servindo de elo para o homem cristão:

A Cruz, feita da madeira da Árvore do Bem e do Mal, substituía Árvore Cósmica; o próprio Cristo é descrito como uma Árvore (Orígenes). Uma homilia do pseud. Crisóstomo evoca a cruz como uma árvore que sobe da terra aos céus [...] Foi como símbolo do Centro do Mundo que a Cruz foi assimilada à Arvore Cósmica. É a prova de que a Imagem do Centro se impunha naturalmente ao espírito cristão. E por meio da Cruz(=Centro)que se realiza a comunicação com o Céu e que, ao mesmo tempo, o Universo inteiro é «salvo»(ELIADE, 1979,p.157-158)

Esse pode ser considerado um fator essencial para a difusão da lenda no imaginário popular cambirense, capaz de despertar a curiosidade de quem trafega pela rodovia e o medo de quem o avista o símbolo. Pois a cruz já se instituiu no universo ocidental muita mais como algo que representa a dor ou o suplício do que um meio para a humanidade alcançar a redenção, a salvação de sua alma. A morte de Ervin Schindler, que supostamente seria o “corpo seco”, ocorrida na década de 1950, foi vinculada como história em consequência dos significados atribuídos pelos habitantes a partir desse símbolo da cristandade romana.

Quando os habitantes passam pelo local,deparam-se com uma paisagem que reproduz um cenário peculiar, capaz de gerar sensações inesperadas. A distância da mata determina o trajeto de espanto, no entanto, o pico de desconforto é distinguido no ponto onde está localizado o aparato sacro. O desconforto desse elemento propiciou um conjunto de acontecimentos aterrorizantes. Essa dinâmica de condutas problematiza o vigor dos sentimentos sobre o fascínio, fruto da instituição e da edificação das representações entre os cambirenses.

Atrás do marco e tomado pela folhagem coberta de árvores como figueiras, pingos-de-ouro e cidreira estão localizadas quatro sepulturas que em comum têm o

sobrenome da família Schindler. As circunscrições nos revelam que o primeiro corpo sepultado data do ano de 1953 e o último, do ano de 2000. Nas entrevistas esse aspecto também foi mencionado: “o sepultamento dele é lá no cemitério da fazenda mesmo, tá até hoje lá; tem o túmulo dele lá, já vendeu a fazenda mas pediram pra conservar o cemitério do casal, o marido e a esposa”(Wilson Bráuzio da Silva, 52 anos).

Se para os olhos de um forasteiro esse lugar chama a atenção e por alguns momentos desconforto, isso nos possibilita compreender esse espaço como plano de representações da lenda sobre a comunidade cambireense. O local afastado do perímetro urbano do município, cercado por uma vegetação bruta e aliado ao fato de este ser o único na região a funcionar como um cemitério particular são aspectos que fazem o imaginário popular desabrochar um complexo grupo de perguntas e respostas em busca de compreender o mundo fantástico ali representado.

Nas figuras abaixo podemos observar o palco e enredo dessas representações.



Figura 1: Entrada da fazenda Ubatuba. Foto Raoni de Assis.

A combinação de fatores, a exemplo do monumento cristão construído no local, o espaço adornado por uma vegetação densa, uma morte fatal, produziu o espaço natural apropriado pelos seres fantásticos e determinou as bases para a caracterização do ambiente que compreende a fazenda Ubatuba.



Figura 2. Cemitério da família Schindler. Fazenda Ubatuba. Foto João Paulo P. Rodrigues.

Ao observarmos as referidas imagens, podemos constatar que o nome do Corpo Seco seria o senhor Ervin Schindler, pois no túmulo consta a data de óbito, dia 20 de setembro de 1953, e durante as entrevistas alguns depoentes chegaram a afirmar que conheciam a lenda há mais de 40 anos.

“Ah, faz mais de quarenta anos que eu ouvi falar isso aí e eles estão o sepultamento dele é lá no cemitério da fazenda mesmo, tá até hoje lá; tem o túmulo dele lá, já vendeu a fazenda, mas pediram pra conservar o cemitério do casal, o marido e a esposa” (Wilson Bráuzio da Silva, 52 anos).

Como uma crença coletiva, as impressões de pavor e medo que ela produz induzem a um caráter coletivo, originando uma dinâmica ao enredo e as representações construídas em decorrência dela, aspecto comprovado quando a equipe do Projeto Universidade Sem Fronteira, ao se aproximar da fazenda Ubatuba, foi alertada pelos agricultores que trabalhavam nas redondezas do perigo do corpo seco. Em tom sarcástico afirmavam que os pesquisadores não se deveriam dirigir-se ao local, pois o esqueleto⁷ poderia aparecer.

Essa apreensão é evidenciada também na fala do depoente Reginaldo Verri, que afirma não crer na história, porém não duvida e não a questiona:

Eu tenho alguns amigos meus que já passaram por alguma experiência nesse trajeto pela Fazenda Ubatuba mesmo passando ali por essa estrada que corta a caixa São Pedro que passou algum é digamos experiências paranormais ou que uma coisa assim que deixou muito assustado, arrepiado (Reginaldo Verri, 29 anos).

Ainda que ocorram algumas discordâncias nos depoimentos (como a causa da morte, o período em que sucedeu do acontecimento) acerca da lenda referida e a confusão de nomes e datas, os pontos comuns (o lugar, os personagens, o temor perante o sujeito) validam o acontecimento fundador, como veremos nos relatos abaixo, na qual podemos constatar essa nuance e o sentimento que a comunidade cambireense desenvolve sobre eles.

O que eu sei, o que eu ouvi falar é que o dono ele fez uma promessa não conseguiu cumprir, prometeu o corpo dele uma coisa assim, a alma dele e não conseguiu cumprir e quem passa ali não consegue passar naquele local é o que eu sei... Conheço gente que fala que passa ali de bicicleta e sente a bicicleta pesada ou esta de o pé e arrepiando o corpo assim é o que eu ouvi falar (Simone Aparecida Miranda, 27 anos).

Tal aspecto também pode ser confirmado na fala do cambireense Reginaldo Verri de 29 anos:

⁷ O corpo seco também pode ser denominado como esqueleto.

É uma lenda bem tradicional aqui da região fala desse Corpo Seco, eles falam que é um Corpo Seco, mas é um rapaz é uma alma que aparece pedindo carona, que pede ajuda para chegar até Aparecida do Norte é o que o pessoal comenta, ele fez uma promessa e não conseguiu cumprir e nisso ele vem pedindo ajuda até que alguém leve ele até Aparecida do Norte.

O personagem que produz espanto é definido e caracterizado por qualidades que solidificaram a sua materialidade. Embora percebamos a existência de símbolos como o cruzeiro e os túmulos da família Schindler, o Corpo Seco é peça central da lenda e dela desencadearam as narrativas que simbolizam o local onde ele atua. O esqueleto é ostentado de forma dinâmica e, por isso, suas assombrações demonstram a versatilidade quanto às formas como se manifesta. Daí a existência de sensações como o pavor, o temor, o medo e o fascínio.

No imaginário popular essa crença é referência própria do município de Cambira, no livro homônimo de Narciso Capelotto (1998), custeado e patrocinado pela municipalidade e pelo governo estadual, o memorialista menciona o corpo seco como mito da cidade, e esse pode ser considerado mais um aspecto que evidencia a força que a lenda exerceu e exerce no território cambirenses.

O povo conta que na estrada que passa pela Mata do Ubatuba, ligando Cambira às Fazendas dos arredores, aparece um corpo seco (esqueleto humano).

O fato aconteceu da seguinte maneira: existiu um fazendeiro muito rico, que estava muito doente, doença esta que o deixou muito magro. Ele fez uma promessa a Nossa Senhora Aparecida que, se sarasse, iria até o seu Santuário em Aparecida carregado por quem quisesse para render graças e cumprir o prometido e que pagaria uma fortuna para quem quisesse levá-lo a pé, numa rede, pois não podia andar. Dois homens se comprometeram a levar o fazendeiro e no dia da saída colocaram-no numa rede, receberam a quantia prometida e seguiram estrada afora.

Chegando à estrada ao lado da Mata, eles perceberam que o homem estava morto e resolveram deixar a “encomenda” dentro da mata e fugiram com o dinheiro.

Foi o que fizeram e nunca mais apareceram. Hoje corre a lenda que o corpo seco aparece para as pessoas pedindo para levá-lo até Aparecida do Norte. De todos que o viram, ninguém teve a coragem de satisfazer o pedido do esqueleto (CAPELOTTO, 1998).

Assim, compreendemos que o imaginário popular de Cambira é regido por um conjunto de crenças coletivas, enraizadas de elementos sobrenaturais. Nesse âmbito, os acontecimentos mágicos, formados por personagens místicos, ocupam lugar singular nas suas narrativas. Na qual se torna possível considerar que as representações delegadas pela comunidade a esses personagens possam revelar alguns aspectos relativos à sua própria realidade. As crenças do universo fantástico de Cambira ganharam força por meio de um conjunto de fatores entre os quais nos cabe mencionar o compromisso com o divino, o medo do sobrenatural, a cultura brasileira referenciada no folclore nacional e elementos agregados da fauna e da flora, persistidos no imaginário popular cambirenses.

A lenda apropriada de geração em geração disseminou entre a população sentimentos de medo, angústia e pavor, alicerçados no fascínio e na curiosidade de se conviver com o desconhecido. Na tentativa de legitimá-la, a própria população local tende a reforçá-la por meio de expressões gestuais, objetividade da fala, recursos que oferecem materialidade e “veracidade” aos eventos narrados. Ainda que muitos entrevistados nunca tenham admitido qualquer fenômeno que comprove a existência do ser fantasmagórico “corpo seco”, é perceptível a vigorosa influência que esse exerceu perante a comunidade.

Alguns afirmam com convicção que as aparições só ocorrem naquele lugar, algo que o distingue de outros municípios. Sua conservação tem nas práticas cotidianas e na transmissão oral a sua fonte de energização, fato comprovado nos sentimentos e atitudes dos cambirenses durante a realização deste estudo.

Referencias Bibliográficas

- AUMONT, J. *A Imagem*. Campinas: Papirus, 2006.
 BURKE, Peter. *O que é história cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005
 BURKE, P. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Edusp, 1992._____.
 Testemunha Ocular. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
 CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009. Secretaria de Estado da Cultura, 2005 (no. dois).

- DA SILVA, Ed Carlos. *Entre o maravilhoso e o fantástico: a Vila de Alto Palmital-PR e suas crenças*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual de Maringá. Maringá. 2009
- ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos. Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo, Martins Fontes, 1996
- KNAUSS, Paulo. “Cidade Panteão: uma produção social da imaginária urbana” In: *Sorriso da cidade: imagens urbanas e história política de Niterói*. Niterói/R.J.: Fundação de Arte de Niterói, 2003
- ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo. Editora Martins Fontes. 1992.
- LE GOFF, Jacques. Documento/monumento, In, *História e memória*. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. 5. Ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.
- LUCA, Tânia Regina. *A história dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”: *funções do tempo na história oral*. In: FENELON, Déa ET al., org. *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d' Água, 2004.
- SAEZ, O. C.. *Ídolos, mitos, lendas. Sobre a interpretação da iconografia católica*, in *Identidades Religiosas*. MANOEL, Ivan Manoel; ANDRADE, Solange Ramos de (org.). Franca: UNESP-FHDSS; Civita Editora, 2008.
- SUSS, Gunter Paulo. *Catolicismo Popular no Brasil*. São Paulo. Editora Loyola. 1979.
- VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da História: micro história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- WACHOWICZ, Ruy Cristovam. *História do Paraná*. Curitiba: Editora Gráfica Vicentina, 1995.